

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**LIMA BARRETO - UM MULATO INTELECTUAL NA  
BRUZUNDANGA**

**Um estudo do projeto de Literatura Militante de Lima Barreto**

**SAMARA LOUREIRO DE MOURA**

**ORIENTADOR: PROF. DR<sup>a</sup> ANA LÚCIA LIBERATO TETTAMANZY**

**PORTO ALEGRE, JULHO DE 2010**

**SAMARA LOUREIRO DE MOURA**

**LIMA BARRETO - UM MULATO INTELECTUAL NA  
BRUZUNDANGA**

**Um estudo do projeto de Literatura Militante de Lima Barreto**

**Trabalho de conclusão apresentado no curso de Letras da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como  
requisito para obtenção do título de licenciado em letras.**

**ORIENTADOR: PROF. DR<sup>a</sup>. ANA LÚCIA LIBERATO TETTAMANZY**

**PORTOALEGRE, JULHO DE 2010.**

## AGRADECIMENTOS

Neste momento em que, após uma longa caminhada, chego ao final do curso de Licenciatura em Letras da UFRGS é de extrema importância agradecer àqueles que me ajudaram, ao longo do caminho, para que eu pudesse chegar até aqui:

A Deus, pela vida e por ter-me conduzido!

À minha mãe, Vera Lina, por tudo que ela fez e faz por mim nesses trinta e um anos, por todos os sacrifícios, por ter-me ensinado a gostar tanto da leitura, dos estudos, por jamais ter permitido que eu fizesse um trabalho sem a dedicação necessária, enfim, por ter sido mãe e ter estado comigo mesmo quando eu a decepcionei.

A Ricardo, meu filho, pelo amor, por ser a motivação para que eu lute sempre, a quem também peço perdão pelos momentos em que não pude dar a atenção que ele merece.

Aos meus familiares, por terem acreditado na minha luta.

À minha orientadora, professora Ana Lúcia Tettamanzy, por ter sido ótima professora, por todas as sugestões e pela compreensão das minhas dificuldades.

Aos meus amigos, pelo incentivo para continuar.

E a João Luís Hartmann, pelo amor que se manifesta dia-a-dia, através da compreensão, do carinho, das palavras de incentivo que me diz sempre e por me fazer crer que sou capaz!

À minha avó Ida (*in memoriam*),  
onde quer que esteja.

## RESUMO

O presente trabalho é uma pequena análise do contexto de produção da obra do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto e da relevância deste contexto para a elaboração de seu conceito de obra literária, o qual resulta na concepção de um projeto de literatura militante. O percurso desta análise pauta-se pelo estudo do contexto sócio-histórico, da crítica literária, do livro *Os Bruzundangas*, publicado pela primeira vez em 1917, obra central deste estudo, e de outros textos do autor que exemplificam as bases de seu projeto, além do intuito de colocar em evidência a importância deste escritor e de seu projeto artístico para a Literatura Brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lima Barreto; Literatura militante; intelectualidade; a-intelectual; ideologia; Bruzundangas.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	7
<b>1. O Brasil na Primeira República</b> .....	8
1.1 Consolidação política do novo regime.....	8
2.2 A nova configuração social.....	12
1.3 A intelectualidade da época e o lugar de Lima Barreto .....	15
<b>2. Lima Barreto, um mulato escritor na República da Bruzundanga</b> .....	21
2.1 A escrita barretiana: uma literatura militante.....	22
2.1.2 A nobreza doutoral e as personagens barretianas .....	31
2.1.3 A questão racial na obra de Lima Barreto .....	34
<b>Considerações Finais</b> .....	39
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	41

## INTRODUÇÃO

As glórias literárias com as quais Lima Barreto sonhou angustiadamente durante sua vida só viriam após a sua morte. Foi principalmente depois de ele ter deixado este mundo que estudiosos se debruçaram sobre os seus escritos para dar-lhes a devida importância. É, sobretudo, a partir da década de cinquenta que começam a surgir estudos desvinculados dos juízos negativos que a crítica contemporânea fizera sobre o que escreveu. Diversos estudiosos, a despeito das censuras que a crítica lhe impingira, perceberam que a obra de Lima Barreto tinha verdadeiro valor e que não se tratava apenas da exposição de dores pessoais. Então, dedicaram-se a tornar públicas suas análises e mostrar a todos aqueles que apreciam a Literatura sua relevância para a História da Literatura Brasileira.

Através deste trabalho, procurei estudar a concepção de intelectual que a sociedade tinha durante a Primeira República, período em que viveu o autor, em contraposição à concepção que ele próprio formulou sobre o papel do intelectual, o que acabou por nortear todo o seu fazer literário, resultando em um projeto de literatura militante. Para fundamentar minha análise, faço no primeiro capítulo um apanhado do contexto sócio-histórico para, no segundo, aprofundar o tema da intelectualidade naquele contexto social, expor o projeto do autor e mostrar os temas que representaram seus principais combates através da arte. Com o intuito de exemplificar com a própria Literatura, utilizei principalmente a sátira *Os Bruzundangas*, além de fazer menção a outras obras e de apresentar trechos que pudessem contribuir para o estudo realizado.

## 1. O Brasil na Primeira República

Compreender o papel da produção literária de Lima Barreto na Literatura Brasileira leva-nos à imediata necessidade de recorrermos a um entendimento do período histórico em que se insere o autor, haja vista que sua obra tem uma íntima ligação com os acontecimentos do momento em que viveu. Pode-se dizer que, em certa medida, cada escritor traz para suas obras as marcas de seu tempo, as influências das correntes de pensamento em voga em determinado período, pois cada um escreve de um determinado lugar sócio-histórico e, por essa razão, sua escrita, ainda que ficcional ou mesmo nos casos em que o autor a afasta do momento mais imediato, nunca poderá estar totalmente imune aos fatos da realidade. Mas nem todos os escritores optam por mostrar tão claramente em sua produção literária os acontecimentos, o comportamento da sociedade e, sobretudo, os efeitos desses acontecimentos sobre as classes menos favorecidas como fez Lima Barreto. É por essa razão que nos cumpre, como busca de um entendimento maior, resgatar os principais fatos e a configuração social brasileira da Primeira República.

### 1.1 Consolidação política do novo regime

É possível afirmar que a transição do regime monárquico para o republicano ocorreu de maneira pacífica. No dizer do historiador Boris Fausto a “passagem do Império para a República foi quase um passeio”<sup>1</sup>, pois não ocorreram derramamentos de sangue. Tudo funcionou como um acordo entre cavalheiros. Na verdade, a Proclamação da República não foi um movimento popular e sim militar. Além de alguns poucos que gritaram vivas para um regime que nem sabiam o que significava, não se tem notícia de

---

<sup>1</sup> FAUSTO, Boris. *Historia Concisa do Brasil*. São Paulo. EDUSP, 2002, p. 139



manifestações populares no dia 15 de novembro de 1889. Instalava-se, pois, através de um acontecimento inesperado, rápido, sem derramamento de sangue e puramente militar, mais um regime que excluía o povo. Para a grande maioria da população tudo continuaria como antes, isso porque o caminho para o progresso social brasileiro sempre ocorreu de forma a conciliá-lo com o atraso:

A alteração social se faz mediante conciliações entre o novo e o velho, ou seja, tendo-se em conta o plano imediatamente político, mediante um reformismo “pelo alto” que exclui inteiramente a participação popular.<sup>2</sup>

Essa ausência da participação popular acaba por gerar uma idéia bastante comum, ainda nos dias atuais, de que a mudança se dará independentemente de nossa participação, ou ainda, de que ela depende da atuação de alguns indivíduos da sociedade dotados de qualidades especiais. A alteração social no Brasil, como define Coutinho, seguiu aquilo que Lênin chamou de “via prussiana” e Gramsci designou como “revolução passiva”<sup>3</sup>. Longe de ser fruto de um clamor do povo, a República vinha para atender as demandas de determinadas camadas da sociedade, principalmente aos interesses econômicos dessas classes sociais.

O período imediatamente posterior à proclamação, ao contrário dessa, seria marcado por conflitos entre os diversos grupos que disputavam o poder, já que esses grupos divergiam em suas concepções de como organizar a República. No dia seguinte à proclamação, formou-se o governo provisório, liderado pelo amigo do imperador, Marechal Deodoro da Fonseca. Os militares tinham o poder instituído, mas na realidade o País tinha donos que não usavam fardas, isto é, os grandes proprietários rurais e comerciantes ligados ao setor exportador, principalmente ao café.

---

<sup>2</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. 2ªed. rev. e ampliada, Rio de Janeiro: DPRA, 2000, p.103

<sup>3</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. Op.cit. p.103

O governo provisório do Marechal Deodoro da Fonseca ficaria marcado na História especialmente pelas medidas econômicas adotadas pelo então ministro da Fazenda, Rui Barbosa. A política implantada era a da emissão de mais moedas, o que visava a ajudar os cafeicultores falidos do Vale do Paraíba e os donos de engenho do Nordeste. Animado pela safra recorde do café em 1889 e pela entrada de empréstimos externos, Rui Barbosa lançou-se a uma política emissionista favorável à criação de indústrias e outros tipos de empresas<sup>4</sup>.

A República, que criticara a falta de moralidade do Império, surgia sob a marca da especulação: banqueiros, agiotas e especuladores, aliados a autoridades públicas, tornaram-se as figuras notáveis da época: “Conciliando essas duas características, o conservadorismo arejado e a cupidez material, pode-se conceber a imagem acabada do tipo social representativo por excelência do novo regime”.<sup>5</sup>

O movimento de especulação ficou conhecido historicamente como *encilhamento*. As emissões desvalorizaram sobremaneira a moeda brasileira, o que prejudicou as empresas que importavam mercadorias e, ao mesmo tempo, favoreceu os cafeicultores que exportavam e recebiam em moedas estrangeiras fortes. Na verdade, a grande maioria da população fora prejudicada, pois a política adotada aumentara violentamente o custo de vida.

As eleições durante a República velha foram marcadas por fraudes, pressões e corrupções. A primeira eleição para a Presidência da República foi indireta. Duas chapas se apresentaram: uma delas tinha como candidatos o Marechal Deodoro da Fonseca para presidente e o almirante Eduardo Wandenkolk para vice, a outra era composta pelo fazendeiro paulista do café Prudente de Moraes para presidente e pelo Marechal Floriano Peixoto para vice. Embora a maioria dos parlamentares estivesse inclinada a votar no candidato civil e paulista, o exército não aceitaria um presidente civil e, para evitar-se um

---

<sup>4</sup> CÁCERES, Florival. *História do Brasil*. São Paulo: Editora Moderna, 1995, p.212

<sup>5</sup> SEVECENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p.26

confronto com os militares, optou-se por um compromisso político que elegeu como Presidente o Marechal Deodoro e como vice o Marechal Floriano Peixoto.

O governo de Deodoro defendeu uma política de centralização do poder, enquanto às oligarquias regionais, principalmente a cafeeira, interessavam a autonomia e descentralização. Deodoro como militar não aceitava as imposições do Congresso que o havia eleito. Seu governo foi marcado pelo paternalismo, apadrinhamento e nepotismo. Em uma tentativa de conter a oposição, o presidente dissolveu o Congresso, decretou o estado de sítio, começou a preparar uma nova constituição e mandou prender seus adversários militares e políticos. A tentativa de golpe, no entanto, fracassou e após nove meses de governo, acometido de uma doença e desiludido com tudo e com todos, Deodoro renunciou, entregando o poder ao vice.

A constituição de 1891 estabelecia que, no caso de vacância dos cargos de presidente de República e vice, antes de decorridos dois anos de governo, seria necessário convocar novo pleito. Todavia, o Marechal Floriano não estava disposto a ceder às pressões daqueles que alegavam a inconstitucionalidade e reprimiu de forma autoritária seus adversários. Durante sua gestão, Floriano enfrentou ainda a Revolução Federalista e a Revolta da Armada. Embora essa última tenha sido uma revolta militar, protagonizada por oficiais da marinha, Floriano recebeu apoio dos militares, especialmente dos positivistas, e dos cafeicultores que desejavam estabilidade política e econômica para seus negócios.

Após o Governo Florianista, foi eleito Prudente de Moraes, primeiro presidente civil brasileiro, o qual inaugurou o que ficou conhecido como República Oligárquica. No governo de seu sucessor, Campos Salles, institucionalizou-se a chamada “política dos governadores”, sistema de dominação política que permitia às oligarquias se perpetuarem e se sucederem no poder sem riscos<sup>6</sup>. Apesar da independência entre os poderes, o executivo federal foi fortalecido. A maioria parlamentar dos legislativos estaduais e federal devia apoiar a política dos executivos. As oposições tinham existência marginal,

---

<sup>6</sup> CÁCERES, Florival. Op. Cit. p.221

sem qualquer chance de disputar o poder. O executivo federal não apoiava as oposições estaduais nem permitia que ameaçassem os executivos estaduais, os quais, em troca, deveriam mandar para o legislativo federal bancadas que apoiassem os projetos do presidente da República. Durante muito tempo, praticamente não houve candidatos eleitos pelas oposições. Mais tarde, garantiu-se que um quarto dos eleitos as representaria. Uma das bases que sustentava o sistema era o coronelismo, pois “a força das oligarquias estaduais vinha do controle sobre os grandes coronéis municipais, condutores das massas rurais impotentes, castradas e incapazes de atuar politicamente de maneira autônoma”<sup>7</sup>. O poder era mantido através das fraudes, do controle dos coronéis e do domínio da máquina governamental e eleitoral. A população rural, que na maioria das vezes vivia em condição de miséria, se submetia a votar em quem os coronéis mandavam em troca de benefícios.

## **2.2 A nova configuração social**

A Primeira República foi marcada por várias políticas de valorização do café, principal produto de exportação do País naquela época. Essas políticas incluíram, inclusive, a compra e armazenagem do produto pelo governo para evitar quedas drásticas nos preços.

Mas o início do novo regime também foi um período fértil para o crescimento da indústria brasileira, o que contribuiu para o aumento da imigração e da migração do campo para as grandes cidades. Essas transformações econômicas e sociais influenciaram muito na vida dos brasileiros e transformaram sensivelmente a distribuição da população no território nacional. A nova configuração social, impulsionada pelas idéias que “desembarcavam” na capital, parecia exigir uma mudança de costumes e a adoção de uma

---

<sup>7</sup> CÁCERES, Florival. op.cit. p. 227

forma de vida mais condizente com a nova situação. Uma ânsia pelo progresso vindo dos principais países europeus tornou-se a febre do momento, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, capital da República e centro econômico e financeiro.

A antiga capital do Império precisava adaptar-se aos novos tempos e uma intensa modificação de sua fisionomia foi o objetivo de seus governantes. Essas modificações eram o reflexo do pensamento dominante da época: para alinhar-se com os países estrangeiros e a eles oferecer uma imagem de credibilidade para desfrutar de seus capitais, era preciso extirpar todo e qualquer empecilho do progresso e livrar-se de uma vez por todas de tudo que pudesse remontar ao passado de atraso do período imperial, pois

o medo das doenças, somado às suspeitas para com uma comunidade de mestiços em constante turbulência política, intimidavam os europeus, que se mostravam tão parcimoniosos com seus capitais, braços e técnicas no momento em que era mais ávida a expectativa por eles.<sup>8</sup>

A idéia de progresso nos moldes europeus era o objetivo da nova classe social brasileira, isto é, da nova burguesia. Essa elite hegemônica pôde estabelecer seus novos padrões, que faziam necessária a “regeneração” da cidade e de todo o país. Essa regeneração, no caso do Rio de Janeiro, segundo Sevcenko, fora pautada por quatro princípios fundamentais:

a condenação de hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.<sup>9</sup>

Como vemos, para a burguesia interessava desvincular a identidade nacional das classes populares e de tudo que pudesse representá-las. Ao contrário de outros momentos da História em que se buscou uma identificação com os grupos nativos, especialmente os índios, naquele momento o desejo era o de ser estrangeiro. A música, as

---

<sup>8</sup> SEVECENKO, Nicolau. Op. cit. p.28

<sup>9</sup> SEVECENKO, Nicolau. Op. cit. p.30

diversões, a moda, tudo buscava identificar-se com o modelo europeu. Rejeitava-se o violão, a religiosidade popular, as festas locais, inclusive o carnaval à moda brasileira. A nova sociedade não permitia nem mesmo aos habitantes de rua o uso do espaço que reservara para si. Na imprensa surgiu uma verdadeira “campanha de “caça aos mendigos”, visando à eliminação de pedintes, indigentes, ébrios, prostitutas e quaisquer outros grupos marginais das áreas centrais da cidade”.<sup>10</sup> Era necessário, pois, afastar fisicamente os entraves para o progresso. A destruição dos antigos casarões, a remodelação das ruas e avenidas, enfim, a modificação do espaço urbano, obrigaram a população pobre a afastar-se do centro da cidade, o que resultou no florescimento dos subúrbios cariocas, tão bem caracterizados por Lima Barreto em diversos momentos de sua obra.

A República e a remodelação de sua capital tiveram um preço alto para uma grande parcela da população, pois, para que se pudesse transmitir a imagem aparente de progresso, era necessário tentar ocultar os dissabores da pobreza e o caos social. O contingente de desempregados aumentara muito e a situação se agravara com o grande número de imigrantes que aportava quase que diariamente no Rio de Janeiro. A população do Distrito Federal mais que dobrou até 1920 e a densidade demográfica nas áreas urbanas era da ordem de aproximadamente 4000 pessoas por Km<sup>2</sup>.<sup>11</sup> Todo esse crescimento populacional só piorava as condições de vida da população pobre do Rio de Janeiro. Os altos índices de desemprego, os baixos salários, a carência de moradias, a falta de condições sanitárias, as constantes moléstias, eis o que coubera à população mais humilde durante toda a República Velha.

---

<sup>10</sup> SEVECENKO, Nicolau. Op. cit.. P.34

<sup>11</sup> SEVECENKO, Nicolau. Op. Cit. p.30

### 1.3 A intelectualidade da época e o lugar de Lima Barreto

Como já vimos, as idéias dominantes no final do século XIX e início do século XX no Brasil foram marcadas pela influência do pensamento europeu. A condenação de uma sociedade demasiado atrasada em relação à Europa era a tônica do momento, ao mesmo tempo em que a abolição, a democracia e a República eram consideradas condições essenciais para se elevar o País ao nível das nações européias. Essa busca por um novo *status* político, econômico e social criou um terreno fértil para o florescimento das idéias científicas vindas dos países europeus e sua aplicação ao contexto nacional definiu os rumos da intelectualidade brasileira. O novo regime trazia consigo a necessidade de “construir a nação e remodelar o Estado, isto é, modernizar a estrutura social e política do país.”<sup>12</sup> E essa foi a preocupação apresentada na produção intelectual, que se ocupava com a atualização do Brasil tendo como padrão os modelos europeu e americano.

Ocorre que a construção dos estados-nação na Europa fundamentou-se nas oposições em relação aos demais, isto é, pela afirmação de características específicas de cada grupo humano e tais características eram colocadas como superiores em relação às outras. Decorreu daí a busca de suporte nas chamadas teorias raciais, as quais serviram de base para a difusão da idéia de povos mais desenvolvidos que outros. Obviamente, a importação dessas idéias para o Brasil deu-se na medida em que se buscava tanto um lugar de relevância no cenário mundial, como também a construção de uma identidade em consonância com esse novo lugar. Era necessário, pois, construir um saber sobre o país que fosse adequado às linhas propostas pelo cientificismo. Nesse sentido, os novos estudos

---

12 SEVECENKO, Nicolau. Op. Cit. p.83

buscavam, através das teorias científicas, encontrar um tipo étnico que pudesse representar essa nacionalidade.

Renato Ortiz, ao refletir sobre a questão racial e a identidade brasileira, analisou as obras de Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, que podem ser considerados os precursores das Ciências Sociais no Brasil<sup>13</sup>. Esses autores conduziram seus estudos justamente no período ora estudado e sob as influências do cientificismo oriundo dos países do velho mundo.

No campo das ainda incipientes Ciências Sociais no Brasil, as idéias que dominavam eram o positivismo de Comte, o darwinismo social e o evolucionismo de Spencer, teorias que, de uma maneira geral, têm seu fundamento na tese de evolução histórica dos povos. Amparada nestas idéias estava a crença de que a superioridade das nações européias decorria de leis naturais. Mas, como então compreender o caso de uma nação emergente como o Brasil, tendo como base essas teorias? Segundo Ortiz, os intelectuais brasileiros da época procuraram então adaptá-las à realidade brasileira, pois:

O evolucionismo fornece à *intelligentsia* brasileira os conceitos para a compreensão desta problemática [*compreender a defasagem entre teoria e realidade*]; porém, na medida em que a realidade nacional se diferencia da européia, tem-se que ela adquire no Brasil novos contornos e peculiaridades... Se o evolucionismo torna possível a compreensão mais geral das sociedades humanas, é necessário porém completá-lo com outros argumentos que possibilitem o entendimento da especificidade social. O pensamento brasileiro da época vai encontrar tais argumentos em duas noções particulares: o meio e a raça.<sup>14</sup>

A introdução das categorias *raça* e *meio* no seio da teoria evolucionista possibilitou aos estudiosos brasileiros a construção de interpretações sobre a realidade da época. Todavia, essas interpretações assumiram uma conotação totalmente determinista em relação à situação do Brasil naquele momento. O fator *meio* seria determinante na medida

---

<sup>13</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & identidade Nacional*. São Paulo:Editora Brasiliense.. 1985. p.14

<sup>14</sup> ORTIZ, Renato. op. cit. p.15



em que as condições geográficas e climáticas tornavam, segundo os autores, difícil a introdução da cultura europeia. O clima tropical seria o causador da natureza indolente do brasileiro, o que dificultava o desenvolvimento do País. Já a categoria *raça* impôs uma visão ainda mais pessimista da identidade nacional. Desde meados do século XIX, a questão da raça já colocava aos intelectuais dificuldades na construção de uma identidade. O romantismo, por exemplo, buscou no índio uma figura que pudesse representar a nação, entretanto essa construção deu-se sob a perspectiva de fabricação de um mito, haja vista que a figura indígena aparece na literatura de autores como Gonçalves Dias e José de Alencar desprovida de suas características peculiares e assumindo valores da raça branca. Nesse período, é também importante lembrarmos que a figura do negro foi totalmente obliterada. Apenas com a abolição ela passa a ter outro papel na realidade brasileira e a problemática racial adquire um novo elemento a ser considerado na teorização.

Nesse momento a idéia corrente é a da fusão de três raças como formadoras da identidade nacional, mas a raça branca é vista sempre como superior e a miscigenação assume um caráter negativo nas interpretações formuladas pelos autores da época, conforme identificou Renato Ortiz:

O mestiço, enquanto produto do cruzamento entre raças desiguais, encerra, para os autores da época, os defeitos e taras transmitidos pela herança biológica. A apatia, a imprevidência, o desequilíbrio moral e intelectual, a inconsistência seriam qualidades naturais do elemento brasileiro. A mestiçagem simbólica traduz, assim, a realidade inferiorizada do elemento mestiço concreto.<sup>15</sup>

Como podemos concluir, o produto do cruzamento das raças não tinha um caráter positivo para os estudiosos. Acreditava-se que a evolução do Brasil era um projeto para o futuro, o que necessariamente passaria por um *branqueamento* da nação. As políticas imigratórias, por exemplo, além de representarem a importação de mão-de-obra, também tinham como base a idéia de mudar a imagem da população. Aqui, torna-se

---

<sup>15</sup> ORTIZ, Renato. Op. cit. p. 21

relevante chamarmos a atenção para o fato de que o pensamento da época rejeitava a verdadeira imagem do Brasil. E essa rejeição da realidade foi criticada de forma muito contundente pela obra barretiana. Lima Barreto, utilizando-se da concepção de *bovarismo* desenvolvida por Jules Gaultier a partir da famosa personagem de Flaubert, procura compreender o momento histórico e as transformações que ocorriam na cidade do Rio de Janeiro. O *bovarismo* revelava-se como a incessante busca brasileira de ser e parecer o outro, no caso, os países da Europa:

O Rio de Janeiro foi o microcosmo de análise para a reflexão de Lima Barreto sobre o Brasil e sobre este poder mágico dos nacionais de se conceberem de forma diferente daquilo que eram. Daí o País enxergar-se da maneira como desejava ser, e viver esta transfiguração do real como verdadeira. A imagem do outro lado do espelho era, em tudo, melhor do que o mundo do lado de cá... As pessoas acreditavam naquilo que queriam ver, e assim o Rio apresentava aquela situação de fachada, de teatralização da vida, distorcendo o real ou, então, ignorando o lado incômodo da existência.<sup>16</sup>

Por essa visão tão crítica da realidade e dos problemas da nação, o autor pagaria um preço bastante alto, pois que lugar poderia ter um escritor mulato que ousava apontar, através de sua obra, os defeitos da sociedade de forma tão veemente? Colocar o dedo nas feridas que todo o tempo tentava-se ocultar certamente não era bem visto. Dar voz às figuras marginalizadas que eram constantemente silenciadas implicava entrar em choque com a ordem vigente. Mas, felizmente, ele não se curvou diante dos modelos de sua época e legou-nos uma obra totalmente coerente com o que acreditou ser o papel da literatura, pois, como afirma Carlos Bertolazzi,

É um dos autores mais independentes na ficção brasileira, partilhando da idéia de que a Literatura deveria expressar diretamente os sentimentos e as idéias do escritor, sem perder, contudo, a sua função primordial como literatura, que era de unir os homens e desmascarar os falsos valores e as instituições que exploravam as classes populares.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Da Cidade Maravilhosa ao País das Marsvilhas: Lima Barreto e o “Caráter Nacional”. **Anos 90** Revista do Programa de Pós-graduação em História. UFRGS. nº 8. Porto Alegre.1997. p. 36

<sup>17</sup> BERTOLAZZI, Carlos José. *Lima Barreto: representações, diálogos e trajetórias literário-culturais*. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da UFRGS .Porto Alegre, 2008. p. 07

Certamente, o lugar que este autor ocupou no momento em que viveu não foi justo com a importância de seus escritos. Somente com o distanciamento temporal em relação a um dos principais objetos de sua crítica, isto é, “o abismo e contradições existentes entre as aspirações das camadas mais pobres da sociedade e o projeto de construção de uma República para poucos”<sup>18</sup>, poderia revelar a importância de sua obra. Os esforços para a consolidação da ordem republicana e a total rejeição das mazelas da realidade por parte da sociedade impediam também a aceitação de uma visão realista no campo literário.

Na verdade, o público leitor brasileiro durante a república velha compunha-se de uma ínfima parcela da população, já que, por volta de 1890, segundo as estatísticas, apenas em torno de 17 por cento da população sabia ler<sup>19</sup>. Logo, o número de leitores era restrito às elites do novo regime, o que influenciava diretamente no que era publicado pelo mercado editorial. As transformações econômicas e a busca permanente da aproximação com a cultura européia, ao menos no nível da aparência, fizeram com que a sociedade, especificamente as elites, revelasse seus anseios pelo conforto material trazido pela modernidade e se voltassem quase que exclusivamente para isso:

O automóvel, a elegância, o retrato no jornal, a carreira diplomática resumem em si quase todos os anseios das novas gerações. Verifica-se nesse período um curioso processo de passagem da vigência social dos valores interiores, valores morais, essenciais, ideais, para os exteriores, materiais, superficiais, mercantis.<sup>20</sup>

Os novos valores sociais influenciaram a própria produção literária. Muitos escritores capitularam diante das novas exigências do público leitor e passaram a conceber suas obras como objetos mercantis, o que significava escrever aquilo que interessava ao público. Daí ser considerado esse período como um momento de crise da literatura. A vida

---

<sup>18</sup> BERTOLAZZI, Carlos José. Op. cit. p.09

<sup>19</sup> VERÍSSIMO, José. Apud SEVECENKO, Nicolau. Op. cit. p.88

<sup>20</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p.96

superficial determinou uma produção literária também superficial. “A literatura se tornou um espaço cultural facilmente identificável por um repertório de clichês que só mudam na ordem e no arranjo que aparecem”.<sup>21</sup>

Entretanto, ainda que predominante, esse processo de banalização que ocorreu com a Literatura apresentou também um grupo de resistência. Enquanto alguns escritores cederiam aos valores burgueses e ajustariam suas obras ao gosto da época, tornando-se os vitoriosos, surgiria uma pequena parcela, marginalizada é claro, que buscava combater as injustiças e encontrar valores autênticos. Nesse último grupo, um dos nomes mais expressivos é o de Lima Barreto.

Para Carlos Nelson Coutinho, a maior parte dos intelectuais, quase sempre vindos das classes médias, utilizava a cultura como meio de prestígio, diferenciação em relação à sociedade e assumia a postura que Thomas Mann definiu como “intimismo à sombra do poder”<sup>22</sup>, ou seja, produziam de forma a não interferir nas questões decisivas da vida social. Por sua vez, Lima Barreto empenhou-se na construção de uma Literatura que combatesse justamente o “intimismo à sombra do poder”, caracterizando o que Coutinho denomina como vitória do realismo.

O autor, tomando para si o dever de combater os males da sociedade, utilizou-se da sátira para tornar sensível, com a crueza necessária, aquilo que a força do cotidiano acaba por tornar quase invisível às pessoas. É, sem sombra de dúvida, “um dos maiores representantes da linha humanista e democrático-popular na Literatura Brasileira”<sup>23</sup> e deixou-nos um acervo inestimável de escritos para que pudéssemos compreender melhor o que foi a República Velha, especialmente o que ela representou para a população mais humilde.

---

<sup>21</sup> SEVECENKO, Nicolau. Op. cit. p. 98

<sup>22</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. Op.cit. p.103

<sup>23</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. Op.cit. p.121

## **2. Lima Barreto, um mulato escritor na República da Bruzundanga**

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881. De origem humilde, filho do mulato João Henriques de Lima Barreto, tipógrafo, e de Amália Augusta, também mulata, professora, teve uma infância marcada pela perda prematura da mãe, que morrerá quando ele tinha apenas seis anos de idade. Nos anos de escola primária, manifestava-se como aluno esforçado, passando com brilho pelo curso primário e também nos preparatórios para o Liceu Popular Niteroiense, internato que frequentou até 1895, quando se transferiu para o Ginásio Nacional e depois para o Colégio Paula Freitas, no qual concluiu os estudos necessários para ingressar no ensino superior. O período de internato no Liceu Niteroiense foi especialmente difícil para ele, pois seu pai fora demitido da Imprensa Nacional com a proclamação da república por participar da resistência liberal. Algum tempo depois, João Henriques consegue ser nomeado escriturário das Colônias de Alienados da Ilha do Governador. Então, o jovem Afonso dividia sua vida entre o internato e o asilo de loucos e revelava uma personalidade que tendia à depressão, chegando a pensar em suicídio aos quinze anos de idade.

Passados alguns anos, aluno esforçado que era, conseguiu ingressar na Escola Politécnica, mas a vida na Academia não lhe seria nada fácil. Isolado, retraído, excluído da companhia da maior parte de seus colegas que pertenciam à elite brasileira da época, acumularia reprovações e enfrentaria a discriminação racial e social, o que contribuiu para aumentar seus sentimentos de revolta e seu complexo de inferioridade. A situação de sua vida agravou-se ainda mais quando seu pai enlouqueceu e a necessidade de sustentar a família obrigou-o a abandonar seus estudos e ingressar no serviço público. A vida de funcionário público causou-lhe uma grande frustração. A atividade de amanuense do Ministério da Guerra estava muito longe das glórias que sonhara para si. Além disso, a vivência na repartição pública mostrou-lhe uma imagem das instituições republicanas

decepcionante, onde imperava a mediocridade que o sufocava. Paralelamente ao serviço público, o qual representava para ele apenas o preço que pagava pela sobrevivência, intensificara sua atividade intelectual colaborando em diversos jornais e revistas, chegando a fundar, inclusive, uma revista literária, a *Floreal*, em 1907, que infelizmente teria curtíssima duração. O jovem escritor esforçou-se muito para obter a glória que procurava através da Literatura. Publicou seu primeiro romance em Lisboa, abriu mão de ganhos com direitos autorais e financiou a publicação de outras obras, contraindo empréstimos para bancar os custos, mas infelizmente a fortuna crítica não lhe era favorável. Para as sucessivas decepções, encontrava no álcool o refúgio e enfrentou duas internações em hospícios, uma das experiências mais traumáticas de sua vida.

Tentou por duas vezes uma vaga na Academia Brasileira de Letras, mas a sociedade deu-lhe mais um desgosto na vida ao negar-lhe a eleição. A doença do pai, a miséria e o alcoolismo encarregaram-se de esgotar suas últimas forças e o autor morreu em 1º de novembro de 1922.<sup>24</sup>

## **2.1 A escrita barretiana: uma literatura militante**

A fortuna crítica da obra de Lima Barreto recusou-lhe o que dela ele esperava. O autor, através de sua obra, colocou-se sempre na posição de combatente, o que não foi bem visto. Os temas escolhidos como bandeira de combate foram a sociedade brasileira durante a Velha República, suas instituições, seus preconceitos, seus costumes, os massacres, os excluídos. Ele deixou muito claro o seu projeto como escritor, através de seus diversos escritos. Todavia, sua obra restou incompreendida pela crítica durante muito tempo. Essa incompreensão manifestava-se em diversas oportunidades ancorada na excessiva importância dada aos fatos de sua vida pessoal e na acusação de que sua obra era

---

<sup>24</sup> Para conhecimento aprofundado da vida do autor ver BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto* 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

demasiadamente impregnada de dores suas, segundo a crítica, mal-ocultadas. O posicionamento dominante não enxergava em sua escrita a manifestação de um projeto literário bem concebido, cujas obras apresentavam uma impressionante coerência.

Lima Barreto optou por uma obra de contestação das estruturas sociais nas quais estava inserido. Via na sua condição de escritor um meio de revelar as incoerências da organização social, porque via nelas os graves problemas que afetavam a sociedade brasileira, em especial aqueles que acentuavam as desigualdades sociais e os sofrimentos dos excluídos dos benefícios do novo regime. Por diversas vezes, deixou clara a sua concepção do papel da arte, sobretudo da Literatura, e ela transparece no conjunto da obra que legou:

A Beleza, para Taine é a manifestação, por meio dos elementos artísticos e literários, do caráter essencial de uma idéia mais completamente do que ela se acha expressa nos fatos reais. Portanto, ela já não está na forma, no encanto plástico, na proporção e harmonia das partes, como querem os helenizantes de última hora e dentro de cuja concepção muitas vezes não cabem as grandes obras modernas, e, mesmo algumas antigas. Não é o caráter extrínseco da obra, mas intrínseco, perante o qual aquele pouco vale. É a substância da obra, não são as suas aparências. Sendo assim, a importância da obra literária que se quer bela sem desprezar os atributos externos de perfeição de forma, de estilo, de correção gramatical, de ritmo vocabular, de jogo e equilíbrio das partes em vista de um fim, de obter unidade na variedade; uma tal importância, dizia eu, deve residir na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustioso do nosso destino em face do Infinito e do Mistério que nos cerca, e aluda às questões de nossa conduta na vida.<sup>25</sup>

Uma concepção bem acabada de sua missão como escritor norteou todo o seu fazer literário. Aquilo que para a crítica tantas vezes foi definido como negativo tratase, com efeito, após um estudo mais aprofundado, claramente de um meio utilizado para atingir o fim desejado. Além de manifestar explicitamente o que para ele era o papel da literatura, expunha suas idéias através da crítica que fazia às obras contemporâneas, o que demonstrava sua atitude de leitor atento à produção intelectual de seu tempo. Quando

---

<sup>25</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *O destino da Literatura* apud BARBOSA, Francisco de Assis. op.cit.. p.343

vemos a forma com a qual censura o posicionamento de outros escritores, percebemos sempre uma extrema coerência com o que propunha:

A maioria ia para ela [escola samoieda] porque era cômoda, no fundo, pois não pedia se comunicasse qualquer emoção, qualquer pensamento, qualquer importante revelação de nossa alma que interessasse outras almas; que se dissesse usando dos processos artísticos, novos ou velhos, de um pouco do universal que há em nós, alguma coisa do mistério do universo que o nosso espírito tivesse percebido e determinasse transmiti-la; enfim um julgamento, um conceito que pudesse influir no uso da vida, no nosso destino... Isto de Hegel, de Taine, de Brunetière não era com os samoiedas; a questão deles era encontrar uma espécie de tabuada que lhes fizesse multiplicar a versalhada.<sup>26</sup>

Podemos perceber que aquilo que denominou de *escola samoieda* na sátira *Os Bruzundangas* resumia o posicionamento dominante nos escritores seus contemporâneos, pois, como analisou Nicolau Sevcenko, predominava uma escrita impregnada de uma linguagem refinada e de conteúdo bastante superficial. Boa parte dos autores da época propunha-se a um fazer literário repleto de clichês, bem ao gosto do momento, escrita esta bastante diversa daquela utilizada por Lima Barreto.

### **2.1.1 A intelectualidade da época e o a-intelectual Lima Barreto**

A questão do intelectual, do homem de letras, é temática constante na obra barretiana. Em seus diversos escritos podemos notar sempre uma tentativa de estabelecer o papel do intelectual dentro da sociedade, segundo seus próprios conceitos, ao mesmo tempo em que notamos uma crítica veemente contra o posicionamento reconhecido socialmente como do intelectual prototípico. Para compreender melhor, é preciso que retomemos a questão já iniciada no primeiro capítulo, a saber, a configuração da intelectualidade durante a Primeira República.

---

<sup>26</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Os Bruzundangas*. Porto Alegre: L&PM, 2001. p.23



Motivados pelas novidades advindas da Europa e pela luta constante da sociedade brasileira em encontrar um lugar entre as grandes nações, os escritores, em sua maioria, acompanharam uma tendência de ocultamento dos problemas, através da escolha de temas leves e de ênfase na linguagem. Assim como nas ruas era empreendida uma luta para dar à cidade do Rio de Janeiro um ar imponente, escondendo-se os problemas com novas avenidas e edifícios inspirados em Paris, os literatos da época ocupavam-se de questões superficiais, dando pouca ou nenhuma importância aos reais problemas da nação. O interesse das elites estava voltado para o progresso, para a ciência, para as novidades que desembarcavam todos os dias nos navios vindos do estrangeiro. Esses novos interesses influenciaram a produção artística. Proliferava no meio literário aquilo que se denominou *arte de escrever*, o que inevitavelmente passou a definir um modelo de literatura:

Literatura essa que sempre se distinguiu por seu “estilo” peculiar, não raro empolado ou pernóstico, ridículo ou obscuro, ainda mais grotesco pela imitação sintática de Rui Barbosa, que então proliferou como uma praga, condimentada pela mania do purismo mal compreendido e pelo vocabulário arrevesado... É uma instância em que a obsessão de “escrever bem” levou centenas de estimáveis cidadãos a escrever mal.<sup>27</sup>

No campo da linguagem fica ainda mais evidente o que era julgado literário naquele momento. Basta atentarmos para o fato de que Coelho Neto, um dos escritores de maior destaque, o qual pode ser situado como pertencendo aos *vencedores* da época, haja vista a expressiva quantidade de livros publicados e os cargos que ocupou durante sua vida, foi considerado como modelo e sabe-se que seu estilo “combinava a adjetivação abundante, os vocábulos raros e os verbos onomatopáicos com os efeitos aliterativos”<sup>28</sup>. Esses intelectuais estavam ocupados em camuflar os problemas sociais e se tornaram os preferidos do público leitor, o qual, como já vimos, ainda compunha-se de uma pequena parcela da população pertencente às elites brasileiras. Outra vertente preocupada em

---

<sup>27</sup> MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix: Ed. USP, 1977-78. Vol.V.. p.527

<sup>28</sup> MARTINS, Wilson. *op. cit.* p.539

desnudar a realidade existiu, mas os escritores que não capitularam diante das pressões sociais ficaram, ao menos naquele momento, à margem do que se denominava *intelligentsia brasileira*, ocupando a posição que Luciana Hidalgo reconhece como de *a-intelectual*:

O a-intelectual encarnaria a negação do intelectual - não do intelectual *tout court*, mas da intelectualidade em relação ao seu tempo, que ocupa o altar canônico, é bajulada por seus pares, lida e bem-recebida nos salões da sociedade *bien-pensante*.<sup>29</sup>

Lima Barreto, sem dúvida, encarnou o a-intelectual de seu tempo, tanto na vida pessoal, quanto no que produzia. Dedicou-se às suas obras com afinco e jamais modificou seu posicionamento crítico em relação à sociedade, mesmo isso significando sua rejeição por parte dela. Em seu livro intitulado *Os Bruzundangas*, cuja primeira edição é do ano de 1917, compõe uma interessante sátira do Brasil, utilizando-se de um narrador que, no estilo inspirado nas *Cartas Persas* de Montesquieu, apresenta-se como um viajante que, após longa estada na República da Bruzundanga, oferece ao leitor um panorama das peculiaridades daquela nação.

Ao descrever os costumes da Bruzundanga, o narrador satiriza o Brasil, suas instituições administrativas e seus diversos costumes, evidenciando uma forte crítica em relação à organização da sociedade. Chama atenção a maneira como ele foi capaz de descrever de modo cômico a forma como a sociedade valorizava a aparência do saber, frequentemente associada ao título de doutor e ao comportamento social, em detrimento de um saber legítimo. Em *Os Bruzundangas*, cria os “literatos” da Escola Samoieda, ocupados com o status de uma literatura feita a partir de modelos prontos de sucesso, preocupados com o uso de meios para atingir a distinção social almejada, enfim com a fama que a posição de intelectual pudesse lhes dar. A alusão aos meios literários da época

---

<sup>29</sup> HIDALGO, Luciana. *Literatura da Urgência: Lima Barreto no domínio da loucura*. São Paulo: Annablume, 2008.p. 129

e ao conceito vulgar de homem de letras é então posta em evidência, o que demonstra seu profundo desprezo pela figura típica de intelectual vencedor naquele mundo:

O que caracteriza a literatura daquele país é uma curiosa escola literária lá conhecida por “Escola Samoieda”.

Não que todo o escritor bruzundanguense pertença a semelhante rito literário; os mais pretensiosos, porém, e os que se têm na conta de sacerdotes da Arte, se dizem graduados, diplomados nela. Digo caracteriza, porque, como os senhores verão no correr destas notas, não há na maioria daquela gente uma profundidade de sentimento que a impila a ir ao âmago das coisas que fingem amar, de decifrá-las pelo amor sincero em que as têm de querê-las totalmente, de absorvê-las. Só querem a aparência das coisas... Assim também são os literatos que simulam sê-lo para ter a glória que as letras dão, sem querer arcar com as dores, com o esforço excepcional, que elas exigem em troca. A glória das letras só a tem quem a elas se dá inteiramente; nelas, como no amor, só é amado quem se esquece de si e se entrega com fé cega. Os samoiedas, como vamos ver, contentam-se com as aparências literárias e banal simulação de notoriedade, umas vezes por incapacidade de inteligência, em outras por instrução insuficiente, quase sempre, porém, por falta de verdadeiro talento poético, de sinceridade, e necessidade, portanto, de disfarçar os defeitos com pelotiquices e passes de mágica intelectuais.<sup>30</sup>

Observamos que Lima Barreto, ao colocar em relevo uma figura de literato que tinha sucesso no meio em que vivia, deixa evidente seu próprio conceito de verdadeiro homem de letras, isto é, alguém que se entregava para a obra literária de corpo e alma, definindo a relação do escritor com a literatura como uma relação de amor, de entrega total. Pode-se dizer que ele viveu o que defendia ao extremo, pois insistiu em manter-se sempre fiel aos princípios norteadores de seu fazer literário, daí sua frase tão marcante: “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que peço dela.” Por isso concluímos que legou uma obra coerente com aquilo que postulava. Por toda a sua produção literária o que vemos é uma unidade temática que gira em torno daquilo que ele acreditava serem as principais causas das nossas mazelas, em especial a postura das elites financeiras e intelectuais que, para ele, estavam preocupadas demasiadamente com seus próprios assuntos para que pudessem olhar para os excluídos que não tinham voz. Assim, faz de seu

---

<sup>30</sup> BARRETO, A. H. de Lima. *Os Bruzundangas*. Op.cit.. p. 17

discurso literário uma ação que busca tornar evidentes os sofrimentos dos marginalizados, grupo do qual fazia parte, tanto do ponto de vista social, quanto intelectual. Na verdade, buscou, sem dúvida, o sucesso, a glória das letras, mas não fez com que essa busca aniquilasse o que tinha para dizer. É bem verdade que criticou o sistema, mas ao mesmo tempo carecia dos meios para poder publicar. Essa aparente contradição é explicada pela análise de Carlos Fantinati:

Embora o artista militante seja um contestador da sociedade e, por conseguinte, do sistema intelectual vigente, apresenta ele, em relação ao intelectual triunfante num sistema simbólico, um ponto comum, a saber, a busca do sucesso. Se a marca do artista que goza do beneplácito do campo intelectual é o êxito social, a necessidade imanente ao projeto do artista militante é uma recepção social positiva, facilmente compreensível se se atentar para o fato de que uma recusa social de sua obra significa para ele um sintoma de fracasso na tarefa que atribui a si mesmo. O intelectual triunfante é um criador, cuja obra tende a submeter-se às pressões sociais [...] Já o artista militante renega e repudia a busca da consagração pela concessão às pressões externas. Seu intuito é adquiri-la justamente pela contestação da arte triunfante, utilizando para isto recursos críticos como, por exemplo, a paródia, a sátira, a ironia e formas outras de destruição.<sup>31</sup>

Claro está que Lima Barreto pronuncia-se como um artista militante e seus escritos não deixam dúvidas quanto a esse posicionamento. Evidentemente que, para empreender seu combate, buscou meios diversos daqueles reconhecidos como pertencentes aos literatos de sucesso que tanto criticou. Um exemplo disso é o uso do riso para provocar uma inversão daquilo que era considerado valoroso para a sociedade. Ao rebaixar as figuras da aristocracia da época e torná-las ridículas diante do leitor, coloca em evidência os vícios e os problemas que deles advinham. Essa forma com a qual fez a sátira dos costumes no Brasil da Primeira República possibilitou que ele também buscasse incorporar usos da língua diversos em relação aos de seus contemporâneos. Na realidade, nunca se manifestou contrário a um uso considerado correto da Língua Portuguesa. Ele tinha

---

<sup>31</sup> FANTINATI, Carlos Erivany. *O Profeta e o Escrivão: estudo sobre Lima Barreto*. São Paulo: HUCITEC, 1978.p.7

consciência plena de que o escritor carece dela para produzir. O que combateu foi uma literatura que estivesse centrada na língua, na forma e não no conteúdo. Para ele os recursos lingüísticos e poéticos deveriam estar a serviço da verdadeira obra de arte, que deveria ter como fim a reflexão sobre os problemas humanos:

(...) havia outras divindades: o ritmo, o estilo, a nobreza das palavras, a aristocracia dos assuntos e dos personagens, quando faziam romances, conto ou drama e a medição dos versos que exigiam fosse feita como se se tratasse da base de uma triangulação geodésica. Ninguém, no entanto, podia sacar-lhes da cabeça uma concepção geral e larga de arte ou obter o motivo de eles conceberem separados da obra de arte esses acessórios, transformando-os em puros manipulados, fetiches, isolando-os, fazendo-os perder a sua função natural que supõe sempre a obra literária como fim.<sup>32</sup>

Embora seu particular uso da linguagem tenha sido alvo das diversas críticas que recebeu, Antonio Houaiss soube identificar que a obra barretiana representa um uso consciente da escrita em prol de um projeto ideológico:

Lima Barreto, de fato propunha-se sempre, e quase angustiadamente, a dizer algo que reputava útil, quando não necessário, senão indispensável, para os homens do seu meio, para os seus semelhantes sobretudo. [...] poderá ser reputado “incorreto”, do ponto de vista “gramatical”, e do ponto de vista “estilístico” - afinal de contas, o conceito de correção, na nossa gramática mandarina e bizantina, pode apresentar tais e tantos planos de julgamento, que poucos, pouquíssimos escritores poderão enfrentar todas as sanções [...] Lima Barreto, não poderá, porém – senão levianamente – ser considerado um absentéista ou ignorante da problemática da correção e da eficácia estética da linguagem. E, correto ou incorreto, de bom ou mau gosto, foi incontestavelmente um escritor muito consciente dos móveis e fins, recursos e meios – inscrevendo-se como um dos maiores, senão o maior, dos escritores realistas desta fase crítica da nossa evolução social.<sup>33</sup>

Em seus escritos, buscou sempre uma clareza, uma transparência que favorecesse suas intenções comunicativas, e ridicularizou completamente o uso rebuscado da língua, como podemos perceber na sátira:

---

<sup>32</sup> BARRETO, A. H. de Lima. *Os Bruzundangas*. Op.cit.. p. 22

<sup>33</sup> HOUAISS, Antônio apud MARINS, Álvaro: *Machado e Lima: da ironia à sátira*. Rio de Janeiro: Utópos, 2004. p.132-133

Eu cheguei a entender perfeitamente a língua da Bruzundanga, isto é, a língua falada pela gente instruída e a escrita por muitos escritores que julguei excelentes; mas aquela em que escreviam os literatos importantes, solenes, respeitados, nunca consegui entender, porque redigem eles as suas obras, ou antes, os seus livros, em outra muito diferente da usual, outra essa que consideram como sendo a verdadeira, a lídima, justificando isso por ter feição antiga de dois séculos ou três.<sup>34</sup>

Vê-se, pois, que ele pode ter buscado as glórias literárias, mas não o fez abrindo mão de seu discurso militante. É possível dizer que sua luta antecipa-se a de Antonio Gramsci que, como sabemos, postulou que todo o homem é um intelectual. Assim como Lima Barreto, Gramsci acreditava que a intelectualidade não dependia da classe social a qual se pertence e identificou também que essa imagem de intelectual construída socialmente não corresponde à realidade:

Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais. [...] O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste, em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento [...] O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso os jornalistas - que crêem ser literatos, filósofos, artistas - acreditam também ser os “verdadeiros” intelectuais. [...] O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente”...<sup>35</sup>

Luciana Hidalgo, em sua análise, sinaliza para uma similaridade do posicionamento de Lima Barreto, e suas conseqüências sociais, com aquilo que Adorno e Horkheimer postularam em 1944, no artigo “Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”. Segundo estes autores, o bem-estar, dentro do sistema capitalista, estaria na identificação integral com o poder, na subserviência, na renúncia “à

---

<sup>34</sup> BARRETO, A. H.de Lima. *Os Bruzundangas*. Op.cit. p. 11

<sup>35</sup> GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo: Círculo do Livro. s.d. p.10-11

pretensão da felicidade”<sup>36</sup>. Essa renúncia para desfrutar de prestígio ele nunca esteve disposto a fazer.

### **2.1.2 A nobreza doutoral e as personagens barretianas**

Entre as mais diversas críticas que Lima Barreto empreendeu contra os males sociais de seu tempo, na sua condição de marginalizado, está aquela dirigida à verdadeira obsessão que a sociedade carioca, e por que não dizer brasileira, tinha em relação aos títulos de doutor. Esse tema é bastante recorrente em seus romances, contos, novelas e sátiras. Diferente do homem comum, que via no título um sinal de nobreza e de superioridade em relação às demais pessoas, ousou desconstruir a imagem institucionalizada para revelar personagens cujo saber era limitado e que gozavam de prestígio social apenas por possuírem o título doutoral. Soube mostrar também o quanto esse título criava um fascínio nas pessoas, que procuravam obtê-lo a qualquer custo, na ânsia de alcançar um espaço privilegiado na organização social. Esses “doutores” são rebaixados na escrita barretiana e, em contrapartida, emergem as personagens simples que, mesmo sem possuírem a distinção da titulação, são vistas com extrema doçura pelo seu criador. Suas personagens preferidas foram os tipos suburbanos: pobres, negros e mulatos, funcionários públicos de baixo escalão, enfim, os excluídos, fracassados e marginalizados na República Velha.

Para exemplificar o verdadeiro repúdio que tinha por esse “saber de aparência”, encarnado pelo “doutor” da época, vejamos o trecho extraído de *Os Bruzundangas*, no qual o autor descreve a nobreza doutoral daquele país imaginário e satiriza o Brasil:

---

<sup>36</sup> ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento - Fragmentos filosóficos*. apud HiDALGO, Luciana.. *Literatura da Urgência: Lima Barreto no domínio da loucura*. São Paulo: Annablume, 2008.p. 161

A aristocracia doutoral é constituída pelos cidadãos formados nas escolas, chamadas superiores, que são as de medicina, as de direito e as de engenharia. Há de parecer que não existe aí nenhuma nobreza; que os cidadãos que obtêm títulos em tais escolas vão exercer uma profissão como outra qualquer. É um engano. Em outro qualquer país, isto pode se dar; na Bruzundanga, não. Lá o cidadão que se arma de um título em uma das escolas citadas obtém privilégios especiais, alguns constantes das leis e outros consignados nos costumes. O povo mesmo aceita esse estado de coisas e tem um respeito religioso pela sua nobreza de doutores.<sup>37</sup>

Percebemos que não bastava apenas ter um curso superior, mas gozar de certo prestígio implicava a conclusão de determinados cursos tidos como mais “importantes” naquele universo. Em outro momento do livro, ao referir-se ao ensino, ele enfatiza:

O ensino superior fascina todos na Bruzundanga. Os seus títulos, como sabeis, dão tantos privilégios, tantas regalias que pobres e ricos correm para ele. Mas só são três espécies que suscitam esse entusiasmo: o de médico, o de advogado e o de engenheiro.<sup>38</sup>

Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicado em 1909, Isaías, personagem que para muitos críticos é autobiográfico, sai do interior para a capital, também seduzido pelas possibilidades que uma titulação poderia oferecer-lhe, mas, ao educar-se pelo desencanto que a cidade grande lhe causa, com todas as humilhações que sofre, percebe que esse título e seus benefícios não eram para muitos, em especial, não eram para negros e mulatos pobres, e sim para as elites brasileiras.

Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos [...] Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo-intanha antes de ferir a martelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou? Como está, doutor? Era sobre-humano!<sup>39</sup>

Da mesma forma, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, publicado pela primeira vez em 1911 em folhetins, obra considerada por muitos como o mais bem

---

<sup>37</sup> BARRETO, A. H. de Lima. *Os Bruzundangas*.. Op.cit. p.38-39

<sup>38</sup> BARRETO, A. H. de Lima. *Os Bruzundangas*. Op.cit. . p.60

<sup>39</sup> BARRETO, A. H. de Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ed. Escala, 2006. p.21



acabado romance do autor, há diversas ocasiões em que a temática do “doutor” e seus privilégios é explorada. Destaco aqui a cena em que demonstra o quanto o povo acreditava que a prática da leitura era apenas para os que possuíam o famoso título:

- Mas não é só, general – acrescentou Genelício. – Fez um ofício em tupi e mandou ao ministro.
  - É o que eu dizia – fez Albernaz.
  - Quem é? – perguntou Florêncio.
  - Aquele vizinho, empregado do arsenal; não conhece? [...]
  - Nem se podia esperar outra coisa – disse o Doutor Florêncio. – Aqueles livros, aquela mania de leitura...
  - Pra que lia tanto? Indagou Caldas.
  - Telha de menos – disse Florêncio.
- Genelício atalhou com autoridade:
- Ele não era formado, para que meter-se em livros?
  - Isso de livros é bom para os sábios, para os doutores – observou Sigismundo.
  - Devia até ser proibido – disse Genelício – a quem não possuísse um título “acadêmico” ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham?<sup>40</sup>

Esse esforço em mostrar ao leitor a superficialidade das condutas, o apreço exagerado do título de determinadas profissões, o desprezo para com os menos favorecidos dentro do sistema no qual estava inserido, também lhe rendeu a criação de personagens, oriundas dos meios mais humildes, que nos tocam profundamente. Ao mesmo tempo em que rebaixou diante do público, através da sátira mordaz, a imagem da elite, fazendo-a descer do pedestal em que se colocara, também soube valorizar os tipos suburbanos, representativos da população excluída e marginalizada e, com muita singeleza, criou personagens significativos para a Literatura Brasileira. Este é o caso de Policarpo Quaresma, de Olga, de Ricardo Coração-dos-Outros, de Clara dos Anjos e também de Zéca e de D. Felismina, personagens do conto intitulado “O Moleque” (1920), representativos da dignidade dos moradores dos subúrbios cariocas que só poderia aparecer com toda a sua grandeza, ao menos naquele momento do Brasil, na obra de Lima Barreto:

---

<sup>40</sup> BARRETO, A. H. de Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Moderna, 1993. p.48

D. Felismina gozava de toda a consideração nas cercanias e até do crédito, tanto no Antunes, como no Camargo da padaria. Além de lavar para fora, tinha uma pequena pensão que lhe deixara o marido, guarda-freios da Central, morto em um desastre. Era uma preta de meia idade, mas já sem atrativo algum. Tudo nela era dependurado e todas as suas carnes flácidas. Lavava todo o dia e todo dia vivia preocupada com o seu mister. Ninguém lhe sabia uma falta, um desgarrar qualquer e todos a respeitavam pela sua honra e virtude. Era das pessoas mais estimadas da ruela e todos depositavam na humilde creoula maior confiança. [...] D. Felismina morava com o seu filho José, o Zéca, um pretinho de pele de veludo, macia de acariciar o olhar, com a carapinha sempre aparada pelos cuidados da mão de sua mãe, e também com as roupas sempre limpas, graças também aos cuidados dela. Tinha todos os traços de sua raça, os bons e os maus; e muita doçura e tristeza vaga nos pequenos olhos que quase ficavam no mesmo plano da testa estreita. [...] Doce, resignado e obediente, não havia ordem de sua mãe que ele não cumprisse religiosamente.<sup>41</sup>

Além da descrição das personagens, as quais são retratadas de uma maneira muito carinhosa, mas ao mesmo tempo realista, onde as características da raça negra não são ocultadas e sim evidenciadas e a sua dignidade é posta em destaque, vemos também uma importante descrição da geografia dos subúrbios, suas habitações, a população, composta de muitos negros e mulatos envolvidos na luta por meios de ganhar a vida após a abolição. Note-se que as personagens não são descritas com qualquer artifício de ocultamento da realidade ou de forma idealizada. Elas surgem com todo o rigor realista característico do autor e, ao mesmo tempo, deixam evidente a profunda simpatia que ele nutre por elas. As imagens podem ser definidas como os equivalentes literários de muitas pinturas de Di Cavalcanti.

### **2.1.3 A questão racial na obra de Lima Barreto**

Lima Barreto foi um escritor mulato que ousou falar sobre o preconceito racial em sua produção literária. A opção de falar sobre os males do racismo, do qual também era vítima, não foi perdoada pela crítica literária de seu tempo. É bem verdade que

---

<sup>41</sup> BARRETO, A. H. de Lima, *Histórias e Sonhos*. São Paulo: Brasileira, 1951. p. 20-22

o autor deixou bastante visível em suas obras o seu ressentimento em relação à sociedade pelo preconceito racial do qual era vítima. Contudo, é preciso lembrar que esta opção não advinha apenas de sofrimentos individuais, mas representava a voz de uma enorme parcela da população negra e mulata que, no Brasil republicano, tinha condições muito precárias de vida, somadas ao racismo que não cessara com a abolição. A crítica não disfarçava o incômodo que sentia com as obras de um escritor mulato que se assumia como tal e insistia em cutucar feridas latentes da nossa cultura. Não esqueçamos que estavam em voga as idéias inspiradas nas teorias raciais formuladas na Europa e adotadas no Brasil, as quais viam na miscigenação um malefício para o progresso. Pode-se entender que aquilo que se esperava de um escritor negro ou mulato era que dissimulasse sua condição racial, sob pena de rejeição de sua obra, como podemos ver através do que afirmou Sérgio Buarque de Holanda:

Enquanto os escritos de Lima Barreto foram, todos eles, uma confissão mal disfarçada, conforme se disse acima, os de Machado foram antes uma evasão e um refúgio. O mesmo tema que para o primeiro representa obsessivo tormento e tormento que não pode calar, este o dissimula por todos os meios ao seu alcance. E afinal triunfa na realização literária, onde a dissimulação cuidadosamente cultivada irá expandir-se até ao ponto de se converter no ingrediente necessário de uma arte feita de vigilância, de reserva e de tato ... Deste (Lima Barreto) pode-se dizer que não conseguiu forças para vencer, ou sutilezas para esconder, à maneira de Machado, o estigma que o humilhava...<sup>42</sup>

Resta evidente que o preconceito racial era, mesmo após a abolição dos escravos, um tema maldito dentro da cultura brasileira. A sociedade tentava de toda a forma ocultar a problemática da raça e as teorias raciais contribuía para que a elite intelectual se envergonhasse de possuir uma grande população de negros e mulatos. A própria literatura refletia o fato de não estar preparada para ver algo de positivo na figura do mulato, e isso é atestado pela forma como os escritores escondiam a verdadeira imagem da miscigenação. É o caso, por exemplo, da personagem Isaura do livro *A escrava Isaura*

---

<sup>42</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque apud MARINS, Álvaro. Op.cit. p.128

de Bernardo Guimarães, que, mesmo sendo filha de uma escrava negra e de um branco, é descrita pelo autor como uma mulher branca sem qualquer característica que pudesse remeter à etnia africana de sua ascendência. Caso semelhante ocorre com a personagem principal do romance *O Mulato* de Aluísio de Azevedo, descrito com total predominância dos caracteres brancos, o qual tem sua vida destruída quando da descoberta de sua verdadeira condição racial. Assim, percebemos que a sociedade brasileira daquela época não poderia ver um herói negro ou mulato nos romances, pois a idéia que predominava era a da superioridade da raça branca.

Mesmo já no século XX, um escritor que optasse por mostrar de maneira explícita uma realidade que era constantemente “maquiada”, estaria necessariamente optando por um caminho árduo como escritor, especialmente se ele também fosse mulato, como foi o caso de Lima Barreto:

Curioso [...] é o fato de todos os episódios relacionados à discriminação racial na obra de Lima Barreto serem imediatamente relacionados a “ressentimentos” ou “malogros pessoais” do escritor, como se não fossem eles corriqueiros na vida social brasileira, infelizmente. Quem lê esse tipo de análise fica com a impressão de que Lima Barreto vivia em uma sociedade com esmagadora maioria de origem européia branca, sendo ele uma espécie de exceção na população carioca e brasileira no início do século XX.<sup>43</sup>

A obra barretiana não revelava apenas um sofrimento pessoal e sim um sofrimento da coletividade. Com a publicação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o autor dá início concreto ao seu projeto literário e demonstra uma consciência dos problemas de seu tempo como poucos o fizeram naquele momento, pois, conforme afirma Coutinho:

O romance de Lima introduz um elemento especificamente *brasileiro* nessa problemática universal das “ilusões perdidas”: as vicissitudes de Isaías comprovam que as afirmações “oficiais” sobre a igualdade social dos negros brasileiros, difundidas na época republicana, pós abolicionista, escondem os mais desumanos preconceitos raciais. O jovem provinciano mulato, apesar da superioridade que apresentava diante dos bem-nascidos que encontra, apesar da sua sagacidade e inteligência, deve permanecer sempre numa posição subalterna, sujeito a constantes humilhações.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> MARINS, Álvaro. Op.cit. p.129

<sup>44</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. Op.cit.p.126

Lima Barreto manifestava sua profunda preocupação com a situação dos excluídos por motivos raciais em seu país, mas também estava atento às repercussões das idéias em voga no mundo todo, conforme revelou em seu *Diário Íntimo*:

Vai se estendendo, pelo mundo, a noção de que há algumas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça. Diz-se ainda mais: que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que cousa feia mais. Tudo isso se diz em nome da ciência e a coberto de sábios alemães. [...] Urge ver o perigo dessas idéias, para nossa felicidade individual e para nossa dignidade superior de homens. Atualmente, ainda não saíram dos gabinetes e laboratórios, mas, amanhã, espalhar-se-ão, ficarão à mão dos políticos, cairão sobre as rudes cabeças da massa, e talvez tenhamos de sofrer matanças, afastamentos humilhantes...<sup>45</sup>

Luciana Hidalgo observou que o autor apresentava uma ‘abordagem lúcida da eugenia alemã e um mau presságio em relação aos seus perigos e conseqüências, 17 anos antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial.’<sup>46</sup> Essa observação confirma o fato de ele não estar tornando público apenas acontecimentos singulares, sofrimentos pessoais, ressentimentos de sua condição racial e social e sim a sua intenção de revelar os sofrimentos das vítimas do racismo, sendo esse um dos aspectos contemplados em seu projeto literário.

---

<sup>45</sup> BARRETO, A. H. de Lima apud HIDALGO, Luciana. *Op.cit.*p. 37

<sup>46</sup> HIDALGO, Luciana. *Op.cit.*p. 38

## Considerações Finais

Lima Barreto não foi apenas um ressentido que usava a escrita para exprimir suas dores pessoais e falar de suas mazelas como tantos críticos o acusaram. Ele realmente teve uma concepção de arte e elaborou um projeto de literatura militante. Sua obra surge em um contexto que não era favorável para um escritor mulato e pobre que não camuflasse sua condição. Mas ele não revelou apenas seu próprio sofrimento dentro deste contexto, e sim o sofrimento de tantos outros brasileiros que, assim como ele, foram excluídos da participação e esquecidos pelos dirigentes no novo regime. Procurou, em tudo que escreveu, combater as injustiças e dizer o que reputava útil. Por isso sua obra é totalmente coerente com aquilo que propunha. Ao olharmos sua produção literária, percebemos que esse projeto de militância deu uma unidade ao que escrevia e tornou sua obra um autêntico exemplo de um projeto bem acabado. É preciso dizer que sua produção, mesmo podendo ser definida como uma literatura engajada, não se constitui em uma literatura panfletária. O autor não tinha ligações político-partidárias e não usava da escrita simplesmente para doutrinação ideológica. Ele lutava sozinho. Possuía simpatias com alguns movimentos políticos, é verdade, mas seu combate dava-se com o uso da palavra e era fruto de suas próprias idéias.

Visava o bem comum, a união dos seres humanos. Queria despertar consciências e, apesar de ver tantas injustiças e de tantas vezes parecer bastante melancólico, conservava uma profunda esperança na humanidade, pois se não a tivesse, seu projeto perderia a razão de existir. Essa esperança angustiada talvez tenha sido a razão pela qual desejava reconhecimento, uma vez que se tivesse reconhecimento, esse seria o sinal de que suas palavras puderam modificar algo. Se o público o aceitasse, era porque também identificara com o ele os males que prejudicavam o verdadeiro desenvolvimento

da nação. Infelizmente, isso não ocorreu naquele momento. Poucos foram solidários com sua luta e poucos viram nele um escritor de talento.

A geração de 22 reconheceu em Lima Barreto um exemplo para aquilo que pregavam em relação à palavra, mas o autor morreu neste mesmo ano e não pode intensificar a relação com os jovens paulistas que começavam uma verdadeira revolução nas letras brasileiras.

Contudo, pode-se dizer que ele fez também a sua revolução e abriu caminho para outros escritores que viriam depois. Fez o caminho mais difícil, pois não teve a guarida de uma escola literária, um movimento, um grupo que o amparasse. Na maioria das vezes, combateu sozinho e enfrentou as duras críticas em relação à sua arte e as humilhações da vida.

Felizmente, ainda que póstumo, o reconhecimento chegou e muitos estudiosos afirmaram a importância deste “intelectual mulato, ofendido e humilhado”, o qual fez nascer do “ressentimento impotente a potência de sua crítica social e política”<sup>47</sup> que continua atual mesmo quase um século depois.

---

<sup>47</sup> BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.258

## Referências Bibliográficas

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARRETO, A. H. de Lima. BARRETO. *Os Bruzundangas*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

\_\_\_\_\_ *Histórias e Sonhos*. São Paulo: Brasileira, 1951.

\_\_\_\_\_ *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ed. Escala. 2006.

\_\_\_\_\_ *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Moderna, 1993.

BERTOLAZZI, Carlos José. *Lima Barreto: representações, diálogos e trajetórias literário-culturais*. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da UFRGS. Porto Alegre, 2008.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CÁCERES, Florival. *História do Brasil*. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. 2ªed. rev. e ampliada, Rio de Janeiro: DPRA, 2000.

\_\_\_\_\_ O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira. In:\_\_\_\_: *Realismo&Anti-realismo na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

DECCA, Edgar Salvadori de. Quaresma: um relato de massacre republicano. **Anos 90** Revista do Programa de Pós-graduação em História. UFRGS. nº 8. Porto Alegre. 1997.

FANTINATI, Carlos Erivany. *O Profeta e o Escrivão: estudo sobre Lima Barreto*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

FAUSTO, Boris. *Historia Concisa do Brasil*. São Paulo. EDUSP, 2002.

FIGUEIREDO, Carmem L. Negreiros. *Lima Barreto e o Fim do Sonho Republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

HIDALGO, Luciana. *Literatura da Urgência: Lima Barreto no domínio da loucura*. São Paulo: Annablume, 2008.



LOZANO, Maria Amélia Idiart. A Repercussão das idéias do escritor Lima Barreto e a contemporaneidade do seu projeto estético. In RIBEIRO, Maria Thereza (org). *Intérpretes do Brasil: Leituras Críticas do Pensamento Social Brasileiro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

MARINS, Álvaro. *Machado e Lima: da Ironia à Sátira*. Utópos: Rio de Janeiro, 2004.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. Policarpo Quaresma: A história carnavalizada. **Revista de Letras** vol. 32. São Paulo: UNESP, 1992.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Vol.V.São Paulo: Cultrix: Ed. USP, 1977-78.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & identidade Nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Da Cidade Maravilhosa ao País das Marsvilhas: Lima Barreto e o "Caráter Nacional"*. In.: Anos 90 Revista do Programa de Pós-graduação em História. UFRGS. nº 8. Porto Alegre. 1997.

SANTIAGO, Silviano. *Vale Quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982.

SEVECENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.